



CONFRARIA DO VINHO VERDE

Membro da Fédération Internationale des Confréries Bachiques (Musée du Vin- Paris) e da Federação das Confrarias Bâquicas de Portugal

NEWSLETTER Nº 59

NOVEMBRO DE 2021

RUA DA RESTAURAÇÃO, 318- 4050-501 PORTO – PORTUGAL
WWW.confrariadovinhoverde.com

E mail: secretaria@confrariadovinhoverde.com

telem: 351 912 227 670

A 52ª Entronização anual no Porto

Como estava anunciado realizou-se no dia 23 de Outubro de 2021, sábado, a 52ª entronização anual da Confraria do Vinho Verde. Após ano e meio sem que fosse possível o encontro entre confrades encontrámo-nos de novo, agora no Porto, na Fundação Dr. António Cupertino de Miranda.

Retomarmos um salutar convívio realizando a 1ª entronização pós pandemia com programa adaptado às circunstâncias. E com respeito pelas regras sanitárias definidas pela Direcção Geral de Saúde. O sucesso do encontro foi manifesto e do agrado dos participantes.

A Confraria e os muitos convidados



O programa foi o seguinte:

- Ponto de encontro no átrio da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda
- Abertura pelas palavras do Grão-Mestre, Dr. Mário Cerqueira Correia
- O Prof. José Augusto Maia Marques começa com a evocação do Dr. José Maria Lacerda e Megre; Projeção de vídeo; palavras do Dr. António Moniz: (Barão de Palme), que se inclui nesta Newsletter.- Poema do Pedro Homem de Melo, pela confrade Maria Augusta Sá Pinto.
- Apresentação pela confrade Engª Cristina Lima, da Quinta de Soutelos, do nosso videoclipe, “ A ALMA DO VINHO VERDE”, como complemento da evocação.
- O Professor Gonçalo Maia Marques apresenta excertos das nossas sessões feitas através da plataforma “ZOOM”
- Apresentação do caderno do Prof. José Augusto Maia Marques pelo próprio, o qual foi oferecido a todos os participantes durante o almoço.
- Cerimónia de Entronização
- Intervenção do Dr. Manuel Pinheiro, Presidente da CVRVV.
- Fotografias do grupo e almoço.



Mesa que orientou à cerimónia

ZÉ MARIA, UMA PERSONAGEM INESQUECÍVEL

Palavras do Dr. António Moniz (Palme)

O meu companheiro inseparável de muitas dezenas de anos, José Maria das Neves Pimenta de Castro Lacerda e Megre, sem pedir autorização à Família e aos Amigos, resolveu partir para Deus, procurando um diferente género de felicidade e de paz, que aqui na Terra não existe. Tal, apesar de toda a sua vida ser um processo de explosões de alegria sem fim, de que todos os seus semelhantes beneficiaram e puderam livremente participar e auferir sem qualquer tipo de limitações. Enfim, em contra



partida, com a sua trágica ausência, fomos invadidos pela tristeza e desolação.

Fui companheiro do Zé Maria, no Liceu Passos Manuel, em Lisboa, com Ele peregrinei pelos bancos da Universidade de Coimbra, pelas paradas da vida militar e, finalmente, pelos encontros e desencontros da vida familiar e social, onde o Fado foi importante condimento.

E poderia dizer muito mais sobre o meu velho e querido amigo, visto que, no cumprimento das suas obrigações militares, foi parar a Moçambique, levando consigo a Família, lá lhe nascendo um filho. Portou-se de modo exemplar, tanto como cidadão na luta pelo progresso da comunidade local, como na realização das tarefas militares de que foi incumbido. Foi magistrado e coordenador da Polícia Judiciária, dirigindo o respectivo Gabinete de Imprensa.

Foi responsável pelo combate à droga, prendendo perigosos traficantes, muitas vezes com risco da próprias vida, em operações de armas na mão. Recordo a sua amargura e desespero, quando ao seu lado, numa operação de madrugada, de espera a um perigoso grupo de marginais da droga, o seu companheiro e subordinado Carvalho foi abatido com uma rajada de metralhadora, cerca do Museu dos Carros Eléctricos.

Foi responsável pelo velho jornal "O Povo da Barca", onde durante seis anos, quinzenalmente, enriquecia as suas páginas com interessantes editoriais. Não posso deixar de referir que o Zé Maria fez parte de um grupo de gente independente que, no Porto, reuniu mais de um milhar de apoiantes, para exigir que Marcelo Caetano se demitisse, única via para fazer mudanças radicais no País que impedissem uma revolução que já se adivinhava.

Mas vou acabar por aqui a radiografia sem graça que todos os seres humanos contabilizam no fim das suas vidas. Vou sim falar do Zé Maria como figura incontornável tanto na sua Terra Natal, como na velha academia de Coimbra, na defesa da poesia portuguesa e dos costumes autênticos da nossa Pátria e, principalmente, na protecção e manutenção de uma sempre sã amizade com gente de todos os extractos sociais e de todas as raças e feitios. Em Coimbra, onde gravou um disco, era meu companheiro de estudos, parceiro de frequentes serenatas, tocadas por mim à guitarra e pelo Zé Maria, à viola, participando

Novos Confrades Honorários

Dr. Luís Miguel Magalhães Ribeiro (1)
(Presidente da Associação Empresarial de Portugal)
Sr. Paulino Faria Martins Costinha (2)
(Gerente Comercial)



ainda num grupo de gente da noite e de artistas, em que as ideias políticas e religiosas diferentes se entrecruzavam, sem uma beliscadura para qualquer um dos componentes da vadiagem intelectual noturna, tão útil para relaxar o espírito, mal encerradas as páginas das fatais sebentas. Grupo eclético esse, sempre a variar de componentes, lá calhando tropeçar com o eterno boémio e poeta Zeca Afonso, ou com o Adriano Correia de Oliveira, com a sua diferente e sublime voz ou com os fieis acompanhantes de estúrdia, de discussão política e até de assaltos a incautas capoeiras da vizinhança, nomeadamente o popular grupo dos “mosquiteiros” e companhia Lda.

Mas o Zé Maria não era apenas isso. Ele defendia os poetas portugueses que eram ouvidos e amados pelo Povo, livre de preconceitos e dos ditames culturais em moda, despojado da burguesinha vergonha das falsas maiorias ou seitas culturais e sociais. A defesa por si feita da figura e da poesia de Pedro Homem de Melo não pode ser esquecida. Numa fase em que a politicagem se utilizou de intelectuais medíocres, que tentavam dominar e vaguear pelo mundo da hipocrisia cultural, o Zé Maria, frontalmente, como o Cid Campeador, transmitindo a maneira de sentir do Povo Português, levantou o gládio bem alto, atrevendo-se a publicar várias edições da poesia do vate minhoto e de trazer a sua poesia para a ribalta das plateias públicas e para as páginas da imprensa descomprometida. O poeta de Cabanas, apesar de não ser aceite pela escumalha pseudo intelectual de então, vendida à baixa política, nunca parou a sua actividade de poeta... O Zé Maria fez frente corajosamente aos poetastros medíocres que por aí vagueiam, de letras grossas e de rimas mal acabadas, dando razão ao Povo simples para quem Pedro Homem de Mello é um dos melhores poetas do seu tempo e que o Povo entende perfeitamente e espontaneamente canta. A má vontade igualmente se revelou contra a memória do poeta sampedrense, António Correia



de Oliveira, que também teve a defesa intransigente do Zé Maria e dos seus “compagnons de route” das Artes e das Letras. Recordo que Pedro Homem de Mello foi injustamente saneado do estabelecimento de ensino, onde dava aulas, e da Televisão, onde dirigia um espectacular programa de folclore, com um recorde de audiência fora do vulgar. Pois bem, apesar da sua actuação contra a corrente, isto é, contra o politicamente correcto, o seu Club dos Poetas Vivos sobreviveu galhardamente a todas as arremetidas que a baixa política ensaiou.

Mas, além de tudo, o Zé Maria tinha uma facilidade de comunicação fora do vulgar. No meio de um grupo desconhecido, minutos passados era o centro das atenções e o interlocutor de histórias divertidas que ia improvisando consoante o grau cultural dos ouvintes.

As suas histórias de Coimbra entraram já na mitologia da Lusa Atenas. O mesmo se passando com os seus passes de surpresa, que encantavam quem o escutava.

As histórias em que o nosso Zé Maria é herói são muitas, contudo não posso deixar de relatar pelo menos três episódios muito diferentes e que espelham a sua rica personalidade.

Grande efervescência em Coimbra, antes do 25 de Abril, pois um grupo quis levar, para uma conferência, na Faculdade de



Letras da Universidade de Coimbra, o jornalista e intelectual Augusto Abelaira. Contudo, o director da altura, Prof. Doutor Miranda Barbosa, não permitiu tal, pois quem escolhia os conferencistas, com determinada antecedência, era um conselho para tal nomeado. Perante a fúria e os protestos desse grupo académico, o lente Pacheco de Amorim veio rapidamente ao encontro dos desejos desses descontentes e cedeu as instalações de um Instituto de Coimbra, de que era dirigente. E a tempestade passou. Claro que determinado sector político da academia, convocou uma Assembleia Geral, no Palácio dos Grilos, então sede da Associação Académica, para criticarem o Prof. Miranda Barbosa. Mas rebentou-lhes a castanha na boca, pois a maioria dos presentes, onde se incluía o Zé Maria, só permitiam a referida censura se ao mesmo tempo se homenageasse Pacheco de Amorim. A rapaziada cripto comunista não contava com este passe de magia e vieram com um ar ingénuo, alegar docemente que o agradecimento calava mais fundo no coração de cada um, se fosse silencioso. Claro que a resposta não se fez esperar, explicando um dos oradores que a censura, igualmente, calava mais fundo no mais profundo silêncio. A Censura teria muito mais efeito feita no íntimo de cada um, afirmava-se, alto e em bom som!!! Claro que o problema azedou e alguém injuriou politicamente o orador que usava a palavra e que não gostou nada que o tivessem chamado fascista ou coisa do género. Recordo que em campos opostos, entre os vários oradores estava a minha pessoa, o José Luís Nunes e o Zé Maria. O colega ofendido atirou-se de cabeça para cima do ofensor. Troca de murros à antiga portuguesa e o Sr. Chico da Académica, com a sua longa experiência neste género de situações, cortou a luz. Os componentes da Assembleia apenas tinham a luz da porta de saída, por onde, na verdade, acabou por desaparecer toda a rapaziada. No dia seguinte, juntou-se muita gente à porta da Faculdade de Letras e começaram alguns a dar morras a Miranda Barbosa e outros Vivas a Pacheco de Amorim. Aos vivas e aos morras, as cenas de pugilato estavam iminentes no meio da confusão da entrada da Faculdade de Letras. Devo lembrar que havia uma reunião de ranchos folclóricos promovida pela Secção de Folclore da Académica. Eis senão quando, propositadamente, aparece o Zé Maria a chefiar o rancho de Ponte da Barca, com o Manel Ceguinho à cabeceira, de acordeão em riste, a tocar um animado vira, seguido de todo rancho a dançar, tendo como primeiro par o Zé Maria e uma bonita dançarina. Entraram dentro do pátio de entrada sempre a dançar o vira. As raparigas puxavam os rapazes estudantes para dançarem e os elementos masculinos as raparigas. Foi um sucesso. As ameaças das previsíveis cenas de violência bem depressa de desvaneceram, perante aquele refinado apontamento de folclore, que invadiu a Faculdade de Letras. Foi um sucesso. O Manel Ceguinho, um invisual certificado, nem se apercebeu do perigo que correu. A maioria gostou e a intervenção do Zé Maria acabou com aquela estúpida divisão, calando uma minoria que apenas pretendia tirar dividendos políticos da situação.

Um segundo apontamento, que não posso deixar de referir, passou-se em Coimbra, no tempo da outra Senhora. Numa das sessões dos Estudos Doutrinários, realizados em Coimbra, muitos estudantes ficaram deslumbrados com as posições políticas tomadas por Francisco Sousa Tavares, um monárquico independente, mal visto pela situação e pela própria oposição nomeadamente devido a um projecto de Constituição Monárquica, por si feita, para o Povo Portu-

NOVOS CONFRADES MESTRES

- 3- Sr. António de Araújo Pinto (Empresário)
- 4- Prof. Doutor António José Saraiva de Almeida Monteiro (Sócio Gerente da empresa Almeida Monteiro Lda)
- 5- Dra. Diana Lisete Oliveira Monteiro (Responsável/Enotorismo)
- 6- Eng^o João Miguel de Arrochela Camizão Pais da Rocha (Gestor de Portefólio)
- 7- Eng^o Leonel Augusto Reis Araújo (Prof. Aposentado)
- 8- Dr. Luís José Gradim da Silva Martins (Administrador Sogrape Vinhos, SA)
- 9- Dra. Maria Estrela de Arrochela Monteiro Camizão Pais da Rocha (Economista)
- 10- Dr. Mário Rui Oliveira Monteiro (Gestor e Produtor de Vinho)



NOVOS CONFRADES OFICIAIS

11

11- Emanuel Filipe Gomes Mota

(Empresário da Restauração)

12- Sr. João Miguel Pinho de Faria

(Comercial – Quinta de Gomariz)

13- Dr. José Manuel Pereira de Castro

(Responsável de Exportações & Marketing na Vercoope)

14- Eng^a Maria Pimenta de Castro Souza

Coutinho

(Enóloga)

15- Eng^a Patrícia de Brito Pereira

(Enóloga e Directora de Qualidade, Adega Ponte da Barca)



guês. Claro que esse projecto foi imediatamente apreendido pela polícia política antes de sair da tipografia. Mas sempre acontece circular em à socapa alguns exemplares, à revelia da censura. Eu fui um dos felizes que conseguiu obter a Constituição do Tareco, popular alcunha do grande advogado e político Francisco Sousa Tavares, casado com a poetiza, Sophia Mello Breyner Andresen. Esse novo grupo de monárquicos independentes animaram a vida política académica de Coimbra. Mais tarde, nos idos de sessenta, Francisco Sousa Tavares, acompanhado da mulher, foi convidado para falar sobre qualquer matéria, cujo título preciso já não recordo. A Sua Mulher foi sentada em lugar de destaque, na primeira fila, sendo premiada com um enorme e lindíssimo ramo de flores, debaixo do carinho e admiração de todos os presentes. Claro que alguns monárquicos independentes também apareceram. Eu próprio, o Zé Maria, o Guilherme Almeida Coutinho de Vouzela, o Honório Pinto da Costa, irmão do presidente do F. C. do PORTO e, pelo menos o Ilídio, de Trás-os-



Montes, onde tem feito a sua vida como advogado. Ora bem, perante tanta gente para o ouvir, Francisco Sousa Tavares não resistiu, na sua dissertação, em fazer uma viva crítica à situação política de então. Começámos a ver que estavam uns ouvintes que se não sentavam e pareciam estar de vigilância à porta do salão, vestidos com umas gabardines bem características, escondidos nas golas sebentas levantadas e que, se não faziam parte da indumentária crónica da polícia política, até parecia!!! Empurravam quem passava perto para terem livre o campo de acção. Mal acabou a sessão, vimos que o drama ia acontecer. O orador monárquico ia ser preso com pernas e tudo, atendendo às divagações verbais, pouco consentâ-

neas com o regime, feitas em público. Imediatamente corremos para junto dele e pegámos o magro e esguio canastro de Sousa Tavares, pelas pernas, levantando-o e transportando o nosso Mestre como quem leva um pálio, num andor da procissão da Rainha Santa. De rompante, passámos rapidamente com aquela carga humana, pela porta de saída, ultrapassando os espantados pides, apanhados de surpresa. Cá fora, Sousa Tavares não se calou, continuando a gesticular e correndo o risco de se desequilibrar do alto daquele estranho suporte de admiradores. O escândalo já era grande com os presentes a protestarem. Os Pides desapareceram, mas foram prontamente substituídos. Um grupo de polícias apareceu em cena, naturalmente chamado para prender os apoiantes do orador, pois quando os cavalheiros das gabardines tentaram apertar Sousa Tavares dos nossos ombros, nós não permitimos, distribuindo pontapés a torto e a direito. Ao mesmo tempo, a doce poetiza, seu cônjuge, dava fortes batidas na cabeça dos agentes com o farfalhado ramo de flores antes recebido. Claro que os policiais chegados usaram outros expedientes, enchendo-nos o físico de pancadas de cassetete, pois estávamos impedidos de nos de-



NOVOS CONFRADES ENÓFILOS

16- **Dra. Isabel Aurora Martins Sucena Ferreira de Santos Pinto**

(Advogada)

17- **Sr. Luís Miguel de Oliveira Correia**

(Consultor de Segurança TI)

18- **Dr. Mário Henrique de Andrade e Silva Santos Pinto**

(Advogado)

19- **Patrícia Margarida Silva Costa**

(Enfermeira/Fadista)

16 20- **Dr. Roberto Carlos Nunes de Sousa**

(Sacerdote da Diocese do Porto)



fender, para não deixar cair o andor humano que transportávamos. Os paisanos presentes começaram a protestar contra a polícia e, por encanto, apareceu um salvador milagroso com uma viatura automóvel, onde se meteu o casal, desaparecendo a toda a velocidade. E lá ficámos nós a sós com as nossas meditações e com uns galos na cabeça e nódoas negras distribuídas pelo físico. O Honório protestava pelas bastonadas recebidas e já pensava queixar-se a qualquer organização internacional, enquanto os companheiros de aventuras lhe diziam que já estava em idade de apanhar umas boas bordoadas pelos lombos abaixo. As autoridades nem nos deram a importância de nos prender para não aumentar o escândalo que já vogava de vento em popa. Abandonaram-nos à nossa sorte. Até era uma ofensa!!! Na verdade, nunca fomos presos por motivos políticos, a não ser por assédio a vistosas galinhas só das capoeiras conhecidas. Nisso fazíamos questão. Não nos metíamos com uma qualquer franga de pescoço pelado de qualquer proveniência. Uma espécie de snobismo galináceo.

E para finalizar os episódios sobre as graças repentinas e graciosas do saudoso Zé Maria, recordo que nas comemorações da Criação do Concelho de Vizela, para animar a multidão de milhares de pessoas que festejava o novo Concelho, os antigos estudantes de Coimbra de Vizela, nomeadamente a escritora, Sr^a Dr^a Maria José Pacheco, e o Sr Eng. Adelino Campante, fizeram que a Comissão de Festas convidasse o Grupo de Fados “Coimbra Eterna”, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, do Porto, para ultimarem as variedades apresentadas, durante todo o dia e toda a noite de 19 de Março, na praça pública a regurgitar de gente. Lá foi o grupo de fados, comigo e o Arménio Assis à guitarra, à viola o Manuel Campos Costa e o Juiz Conselheiro, Mário Araújo Ribeiro, e como cantores Eng. Napoleão Amorim, Prof. Doutor Henrique Tomás Veiga, Zé Archer de Carvalho e o nosso Zé Maria Lacerda e Megre. Acabada a Serenata, como o público não parasse de pedir mais e continuasse a bater freneticamente as palmas, o grupo cantou a



bonita melodia “Coimbra tem mais encanto na hora da despedida”. O último verso, cantado pelo Zé Maria, foi porém dito com outra letra, com grande surpresa do gigantesco auditório:- “Vizela tem mais encanto na hora da Autonomia”. Calculam o que aconteceu.... Um sentimental e inocente Fado de Coimbra, transformado numa canção de intervenção política. Foi o fim do mundo. O Povo Vizelense ainda hoje em dia recorda essa facécia coimbrã do saudoso Zé Maria

António Moniz Palme. 2021



IMAGENS DA
ENTRONIZAÇÃO



ATENÇÃO- NO DIA 14 DE DEZEMBRO, REALIZA-SE UMA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL DA CONFRARIA (CAPÍTULO) PARA **ELEIÇÃO DOS ORGÃOS SOCIAIS DA CONFRARIA**, PARA O PRÓXIMO TRIÊNIO.. A SESSÃO REALIZA-SE NA SEDE DA COMISSÃO DE VITICULTURA, NA RUA DA RESTAURAÇÃO, 318, A PARTIR DAS 16 HORAS.

VEJA O REGULAMENTO ELEITORAL E INTERESSE-SE PELO ASSUNTO

Reconhecida como A Casa do Livro, a Norprint oferece um serviço de excelência recorrendo à mais avançada tecnologia. Procurando soluções de qualidade para os mais complexos desafios dos clientes, sem descurar as preocupações ambientais e de sustentabilidade, a Norprint tem conquistado vários dos mais relevantes prémios da indústria ao longo dos anos.

O nosso confrade, Dr. José Manuel Lopes de Castro que criou e mantém a NORPRINT como uma das melhores gráficas do país, ofereceu à nossa e sua Confraria o Caderno nº 1, prenda valiosa que serviu para assinalar o nosso regresso as actividades públicas.

Os nossos agradecimentos



NOTÍCIAS SOBRE O VINHO VERDE

Como vem sendo habitual o senhor Dr. Manuel Pinheiro, presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, fez uma intervenção para dar notícia a todos os confrades e convidados da evolução mundial do vinho verde.

Ficamos todops muito felizes com as notícias que ele nos deu; o vinho verde é um vinho único sendo cada vez mais apreciado em todas as latitudes.



Foram estes os órgãos sociais da nossa Confraria e que cessam agora o seu mandato, finalizado o triénio para que foram eleitos

Órgãos Sociais - (2019 - 2021)

Mesa do Capítulo

- Comendador Mor: Sr. Dr. António Maria Barbosa Borges Vinagre
- Comendador da Távola: Sra. Dr.ª Maria José de Araújo Areias Carvalho de Azevedo
- Cavaleiro da Távola: Sr. Eng.º António Azevedo Soares Guedes
- Cavaleiro da Távola: Sr. Dr. José Maria Neves Lacerda e Megre

Cúria Báquica

Membros Executivos

- Grão Mestre: Dr. Mário Fernando Cerqueira Correia
- Cancelário Mor: Prof. Dr. Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques
- Chanceler: Dr. José Manuel Mendes Pereira
- Mestre-de-cerimónias: Dr. José Paulo Guimarães Vasconcelos Arriscado Amorim
- Escanção Mor: Eng.º Manuel António de Monte e Freitas Vieira

Membros Substitutos

- Clavário: Sr. Dr. António Moniz Arriscado Amorim
- Cancelário: Sr. Eng.º Pedro Rangel Malheiro Peixoto

Conselho de Vedores

- Vedor – Mor: Dr. António de Oliveira Bessa
- Vedor:- Sr. Luís Lobo d'Ávila Lencastre
- Vedor Sr. Emílio Rocha Sousa Magalhães

ALGUMAS CONFRARIAS QUE QUIZERAM ESTAR PRESENTES NA NOSSA ENTRONOZAÃO:



IRMANDADE DOS VINHOS GALEGOS

REAL CONFRARIA DO VINHO ALVARINHO

CONFRARIA DOS ENÓFILOS DO VINHO DE CARCAVELOS

CONFRARIA DOS GASTRÓNOMOS DO MINHO

CONFRARIA DO SAOR DA ABÓBORA

A ALMA DO VINHO VERDE

Desde a raiz da memória
Nas terras férteis do Minho
Colhe-se na tradição
O mais saboroso vinho!

Nas festas e romarias
Por esse país profundo
Brinda-se à alegria
Com o melhor néctar do mundo!

REFRÃO
Pelo nosso vinho verde
Que aquece o dia a dia
Pelos confrades, enfim
Viva a nossa Confraria!

No mais fresco vinho verde
Constrói a alma o seu hino
Entre a serra e o mar
É que se bebe o destino!
Numa mesa portuguesa

Sobre a toalha de linho
Há sempre um naco de pão
E um bom copo de vinho!

REFRÃO

Pelo nosso vinho verde
Que aquece o dia a dia
Pelos confrades, enfim
Viva a nossa Confraria!

Nas lides dos nossos campos
Quando é p'ra descansar
Põe-se a merenda ao dispor
E um tinto a acompanhar!

Não há vinho como o nosso
Regado a esforço e suor
O sangue de todo um povo
Num copo de puro amor!



*Este “vira minhoto”
deve-se a uma iniciativa
da nossa Confrade,
Eng. Cristina Lima.
O videoclipe original
foi produzido na sua
Quinta de Soutelos,
em Celorico de Basto.
Letra: Artur Coimbra
Música: João Martins

Interprete :
Cristina Lima*

Abra a hiperligação para ouvir A ALMA DO VINHO VERDE



https://www.youtube.com/watch?v=cyaS_nqM3fk

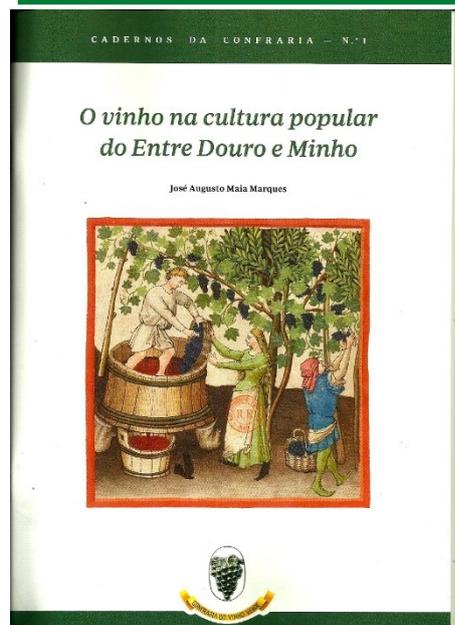
CADERNO DA CONFRARIA 1

Para assinalar a 1ª Entronização pós pandemia a Confraria publicou mais um dos seus cadernos, este da autoria do confrade



de e historiador credenciado Prof. José Augusto Maia Marques., com o título “ O VINHO NA CULTURA POPULAR DO ENTE DOURO E MINHO”

Trata-se de um trabalho excelente e a sua publicação fica a dever-se a mais uma preciosa colaboração da NORPRINT e do seu proprietário Confrade Dr. José Manuel Lopes de Castroa quem a Confraria muito agradece.



Para ver as apresentações que foram feitas durante ano e meio, abrir a hiperligação que se segue:

<https://www.youtube.com/watch?v=qOUBCo3YVVQ>